DEGLUTIR, ACUMULAR, VIR A SER: A NOÇÃO DE MATRIARCADO ANTROPÓFAGO N'*A CRISE DA FILOSOFIA MESSIÂNICA*, DE OSWALD DE ANDRADE, E N'"O MEU TIO O IAUARETÊ", DE GUIMARÃES ROSA

Arhon Inacio dos Santos (USP)[1]

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar intersecções entre as produções de Andrade e Rosa, focalizando, de modo comparativo, o conto "Meu tio o Iauaretê", de Guimarães Rosa, e a tese *A crise da filosofia messiânica,* desenvolvida por Oswald de Andrade entre os anos de 1945 e 1950. Delimita-se, para tal propósito, a noção oswaldiana de matriarcado antropófago enquanto conceito-chave para entendimento da oposição entre Natureza e Cultura demarcada no conto.

Palavras-chave: Deglutição. Acumulação. Natureza. Antropofagia. Cultura.

Abstract: This article aims to investigate intersections between the works of Andrade and Rosa, focusing, in a comparative manner, on the short story "Meu tio o Iauaretê", by Guimarães Rosa, and the thesis *A crise da filosofia messiânica*, developed by Oswald de Andrade between 1945 and 1950. For this purpose, Oswald's notion of anthropophagic matriarchy is defined as a key concept for understanding the opposition between Nature and Culture outlined in the short story.

Keywords: Ingestion. Accumulation. Nature. Anthropophagy. Culture.

1. Rosa e Andrade: algum diálogo

"Meu tio o Iauaretê" é a história de "um mestiço que vai sendo dominado por um bloco de afetos antropógafos" (Castro, 2013, p. 11), envolta por aquilo que há "de mais joyceano na linguagem" (Campos, 1992, p. 57). Por outro lado, em um resumo interpretante, *A crise da filosofia messiânica* é a condensação basilar dos principais aspectos da antropofagia — um compêndio da vida inteira, escrito por Oswald de Andrade entre 1945 e 1950, que congrega aspectos de filosofia, sociologia, antropologia e política, construindo uma verdadeira noção antropófaga no Brasil.

Dentro dos muitos pontos de contato entre Rosa e Andrade, a análise que aqui aproximará as duas obras é centrada na ideia do matriarcado e da antropofagia enquanto deglutição e acumulação, literal ou metafórica. A antropofagia, que pode ser, de acordo com Viveiros de Castro, dividida em "literal" ou "metafórica" adquire, no texto de Rosa, as duas faces da possível multiplicidade. Não se busca somente deglutir, mas também acumular, tomar a posição de um outro existente.

1 Bacharel em Letras (Português/Inglês), Universidade de São Paulo, arhon@usp.br.

A tese de Oswald foi apresentada como recurso parcial em um concurso para a obtenção de uma vaga como professor no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, concurso ao qual, na verdade, não pôde concorrer por não ser detentor da titulação específica necessária para o cargo (Candido, 2004, p. 127). A obra de desdobra em treze teses menores, sem "aquela ambiguidade do manifesto" (Ibid., p. 129), e Andrade se detém na análise profunda daquilo que foi postulado, em 1928, no *Manifesto Antropófago*; a diferença, nessa nova análise, resta na centralização na oposição entre matriarcado e patriarcado.

O esforço de Oswald no detalhamento da antropofagia como filosofia e método de análise fez com que, mais tarde, Augusto de Campos afirmasse que se trata da: "única filosofia original brasileira e, sob alguns aspectos, o mais radical dos movimentos artísticos que produzimos" (Campos, 1975). Esse movimento é base para a produção não só do texto "Meu tio o Iauaretê", mas também de uma visão formativa de Rosa enquanto escritor brasileiro. Aqui, as semelhanças se deitam na tratativa do tema antropofágico, enquanto antropofagia ritual, guerreira ou funerária, registrada anos mais tarde, como destaca Sperber (1985), por Viveiros de Castro, nas suas *Metafísicas Canibais* (2015).

Oswald de Andrade e Guimarães Rosa irão, de maneiras distintas (no "Meu tio o Iauaretê" e n'*A crise da filosofia messiânica*), abordar um Brasil-possível e sua noção de identidade: o Brasil interior de Andrade é refletido na noção de antropofagia matriarcal — que será contrastado, mais tarde, n'*A marcha das utopias*, com o messianismo patriarcal —, enquanto, em Rosa, a identidade é centrada na máxima da natureza *versus* cultura.

Desse modo, faz-se possível observar que ambos os textos fornecem material suficientemente amplo para que contribuam para uma leitura dupla, ou seja, em que sejam analisados os pontos de contato entre as obras destacadas de Andrade e Rosa. Para além disso, o texto de Castro (2013) será basal enquanto ponto de partida e extenso apoio em toda a análise aqui desenvolvida, haja vista que dele partiu a primeira noção da conexão aqui estabelecida: "No caso do "Meu tio o Iauaretê", temos uma versão do matriarcado antropofágico como tragédia, e não como, para Oswald, utopia" (Castro, 2013, p. 16). O matriarcado antropofágico já lá estava.

2. Matriarcado, Patriarcado: a Cultura invadindo a Natureza

A antropofagia, segundo Castro (2007, p. 168), "era e é uma teoria realmente revolucionária", que acaba por figurar Oswald de Andrade como "o grande teórico da multiplicidade". Os múltiplos caminhos traçados por Oswald dentro das treze teses

desenvolvidas no artigo partem da ideia de uma subdivisão da sociedade: a gramática antropofágica se apropria dos conceitos de matriarcado e patriarcado. O primeiro é traduzido como a possibilidade de absorção do outro dentro de si, remontando um período anterior ao cristianismo e ao Estado que, na opinião de Andrade (1978), deve ser retomado — de forma utópica — para a recriação de uma cultura própria e valorosa; é substituído, entretanto, pela Era do Patriarcado:

> O fato fundamental da Era do Patriarcado, para Oswald, corresponde ao aprisionamento e à monopolização administrativa do sentimento órfico pelo sacerdócio ocidental. A ascensão e a legitimação da classe sacerdotal, por sua vez, estão ligadas à composição de uma visão de mundo cujos princípios podem retroceder ao mundo grego e atingem seu ápice na cristandade medieval (Valle, 2017, p. 331).

Ascende, desse modo, o "direito paterno" em relação ao materno; o "retroceder grego" ao qual Valle (2017) se refere é, provavelmente, o ponto de inflexão mais antigo, encontrado por Oswald na Oresteia, de Ésquilo, como se segue:

> "O matricida Orestes, perseguido pelas Erínias, fúrias vingadoras do Direito Materno, procura acoitar-se junto à Minerva, que faz de seu crime um julgamento sensacional. O voto de Minerva decide pelo Direito Novo. Orestes é absolvido e as Erínias, convencidas da sua inutilidade, sujeitam-se às leis do Estado nascente cujos fundamentos estão na herança paterna e em suas reivindicações [...]" (Andrade, 1972, p. 90).

Ao analisar e contrapor o novo mundo, descoberto pós-expansão, à Europa, Oswald aproxima as culturas indígenas existentes à ideia de matriarcado: um choque, principalmente aos europeus que alcançaram o Brasil: "o Matriarcado tem por representante a utopia, a felicidade dos povos 'a-históricos' sem fé, sem lei [...] e sem propriedade privada. Enquanto o patriarcado representa o império colonial e a frieza do cálculo de acumulação do capital" (Andrade, p. 356). A busca pelo retorno à utopia matriarcal se reflete em um apego pela prática antropofágica; prática a qual os indígenas eram afeitos como uma forma de incorporar o outro na eterna noção de "acumulação". Diz Izabel (2020) que, no caso de Oswald, "a antropofagia matriarcal pode ser entendida como tomada de posição em relação à colonização histórica e cultural, mais do que meramente dentro do contexto das ideias do período sobre cultura". O retorno à utopia matriarcal não pode, todavia, ser executado de imediato. Passa a ser, assim, fruto do contato com a distopia patriarcal, formulando o desenvolvimento da síntese terceira: o homem natural tecnizado — o homem moderno que procura, nas entrelinhas de seu presente, as antevisões de um passado que um dia existiu:

> A obra de Oswald é reflexo desta contradição, deste encontro entre uma produção não-moderna (como nas manifestações culturais indígenas e africanas) e a produção moderna (entendida aqui como a produção vanguardista da metrópole, do centro desenvolvido do Capital) (Izabel, 2020, p. 120).

De acordo com Florestan Fernandes (Ceppas; Pena, 2021, p. 5), a ideia de uma nova interpretação para a antropofagia ritualística dos povos indígenas é uma "rotação de perspectiva"; passa-se a imaginar o mundo dos brancos como matéria prima para uma nova atividade criadora dentro da própria cultura indígena. Partindo dessa rotação, é possível observar o texto de Rosa.

A primeira das figurações dessa síntese "patriarco-matriarcal", em "Meu tio o Iauaretê", é a existência mesma desse "gateiro filho de índia e de branco" (Sperber, 1992, p. 89). Ora, sua própria existência é a ligação entre dois mundos opostos por Oswald: a mãe, indígena, vem de uma sociedade tipicamente matriarcal — de onde, também, advém a necessidade antropofágica de Breó-Beró: de deglutição, de acumulação, do devir no outro — *versus* o pai, branco, de uma sociedade patriarcal — da existência das leis do Estado, da "lei do pai".

Andrade estaria propondo, desse modo, a categorização das relações sociais em dois tipos: matriarcal — que tem como expressão natural a antropofagia — e patriarcal, que se debruça sobre o messianismo como forma de organização social. O matriarcado acaba, de fato, quando o homem deixa de devorar o homem para fazê-lo seu escravo (Andrade, 1978, p. 81). Cria-se a técnica e as noções de classe; continua Andrade:

> Uma dessas classes se sobrepôs a todas as outras. Foi a classe sacerdotal. A um mundo sem compromissos com Deus, sucedeu um mundo dependente de um Ser Supremo, distribuidor de recompensas e punições. Sem a idéia de uma vida futura, seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do messianismo na história do patriarcado (Andrade, 1978, p. 81).

Basal para a apreensão das teses de Oswald é entender que a transição entre matriarcado e patriarcado (e, portanto, antropofagia e messianismo, como movimentos representantes) não é feita de maneira linear; são dois opostos em constante embate, tomando forma. Continua: "e tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem primitivo. Este, o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este uma cultura messiânica" (Andrade, 1978, p. 78).

O homem é formulado por Andrade (1978, p. 79) "como problema e como realidade": sua tese, o homem natural; sua antítese, o homem civilizado; por fim, sua síntese, o homem

tecnizado. Entender a noção de homem tecnizado, partindo de Andrade, é, portanto, fulcral para compreender o devir do qual falam Castro (2013), Galvão (2021) e Sperber (1985). Esse 'entrevistado' está em constante embate com sua própria identidade: ora pendendo à família indígena materna, como o homem natural, ora à família branca paterna, como o homem civilizado.

O "branco urbano" (Sperber, 1985) aproxima-se de Breó-Beró, o mestiço tecnicizado, a onça que mexe com fogo, e o embate é natural. A casa do onceiro, encontrada por causa do "foguinho enxergado de longe" (Rosa, 2021, p. 139) é como uma síntese dos dois campos: para além, na mata fechada e escura, a Natureza, figurativizada pela falta de leis, pela morte, pela violências e pelos perigos — de onde saiu a mãe, lugar para o qual Breó busca incessantemente retornar, mesmo que esse retorno seja impossível (Galvão, 2021). Na outra ponta, a Cultura, de onde vem o pai e de onde vem, também, o visitante inesperado, trazendo a boa cachaça, a curiosidade inevitável e sua carne. Esse mestiço tecnicizado, por outro lado, onceiro e onça, é conhecedor de ambos os campos: da Natureza — "ocê quer saber da onça?" (Rosa, 2021, p. 144), seguido por um longo compêndio comportamental e dos variados tipos de jaguaratês — e da Cultura: o fogo, a cachaça.

Ao mesmo tempo, esse "sem nome" se afasta de ambos os lados: tem fogo e tem cachaça, mas como se fossem uma imitação barata das possibilidades oferecidas pelo homem branco: "Mas não é bom não. Tem esse fogo bom-bonito não. Dá muito trabalho [a feitura da cachaça]. Tenho dela hoje não. Tenho nenhum. Mecê não gosta. É cachaça suja, de pobre…" (Ibid., p. 139). A devolução do fogo ao seu dono original, a onça, foi profundamente abordada por Galvão (2021, p. 254) e detalhada como "linha de demarcação entre natureza e cultura". Diz ainda:

> O fogo assinala o momento em que o homem deixa de comer carne crua, submetendo-a ao fogo antes de ingeri-la e assim se distinguindo dos demais animais carnívoros. Ao mesmo tempo, o fogo é arma de defesa e ataque, dando superioridade ao homem sobre os outros seres vivos. As duas faces do fogo, a benéfica e criadora, e a maléfica e destruidora aparecem conjuntamente; o fogo protege, defende, cria, mas também mata e destrói (Galvão, 2021, p. 254).

Se o fogo funciona, seguindo o pensamento de Galvão, como um operador temporal da passagem entre Natureza e Cultura, pode-se observar a presença do pequeno rancho do onceiro como operador espacial; de um lado — de onde vem o homem branco — a Cultura patriarcal e de outro — a presença das onças e o domínio do desconhecido — a Natureza matriarcal. O ranchinho seria, dessa forma, o receptáculo do homem síntese, a moradia de Breó-Beró.

A casa, esparsamente constituída, distante e difícil de enxergar torna-se, dessa forma, a ponta de lança no entendimento do embate matriarcado *versus* patriarcado. Ponto de fuga dentro da floresta, é a imagem da homogeneização, a morada do homem tecnicizado, explicitado por Andrade (1972) como sendo aquele que sofre influências tanto da cultura primitiva, como da produção moderna. Explica-se: é onça, mas homem; é branco, mas indígena. Sofre influências de ambos e estabelece-se como síntese.

Na intenção de voltar à mãe e negar a presença do pai, entretanto, nega também a sua síntese marcante; de acordo com Galvão (2021, p. 253), a constante referência ao parentesco com o iauaretê é modo de demarcar a presença matrilinear em seu sangue: "isto é, sou filho de onça, não filho de gente". A presença matriarcal torna-se tão acentuada ao longo do texto que, ao final, "o conto ["Meu tio o Iauaretê"] termina, como se sabe, em tragédia, embora não saibamos exatamente como ele termina" (Castro, 2013, p. 16). De um lado, a onça tentando deglutir, antropofagizar:

> O onceiro – o caçador de onças profissional – torna-se antropófago porque se recusa a ser canibal. Foi virando onça, por isso não pode mais matar ou comer (dá no mesmo aqui) onça, e começa a matar e comer homem, como fazem as onças. Então ele jamais está numa posição canibal. Quando mata, come gente, ele é onça; quando matava onça, ele era gente (Castro, 2013, p. 19).

E do outro, o homem branco tentando aniquilar, utilizando a arma, o fogo encapsulado, essa demarcação estrutural da Cultura. A acumulação do matriarcado antropofágico contra a aniquilação do patriarcado messiânico — sem se saber, entretanto, como a tragédia é finalizada; um embate permanente entre as duas pontas soltas.

3. Deglutição ou Acumulação?: panorama antropofágico em "Meu tio o Iauaretê"

Silva e Silva (2023) explicitam, em um belíssimo ensaio intitulado *A metodologia antropofágica de Guimarães Rosa*, o fazer antropófago roseano, destacando-o como uma poética, além de uma prática; um estômago, diz Campos (1992 *apud* Silva e Silva, 2023), que se projeta e — fora de si — deglute o redor. "Meu tio o Iauaretê", como foi interpretado por Castro (2013) , permanece em pleno sentido. A deglutição é fundida com a acumulação do outro — ao mesmo tempo em que se dizima a noção de inimigo (não tão somente o inimigo em si, como destaca Sperber (1985)), a possibilidade de metamorfosear-se nele é aberta; e a noção de devir é fundamental na narrativa, mobilizada por Rosa juntamente à questão antropófaga, fortalecendo o que Sperber (1985, p. 93) chama de "fulcro narrativo": oferecer ao narrador-personagem, sem

“nome mais não”, a possibilidade de metamorfosear-se em outro; enveredar-se pelos dois caminhos distintos que o constituem.

A antropofagia proposta por Oswald, todavia, é um modo de portar-se frente ao mundo: encarar a “europeização” dos costumes com força de aglutinação — tomar o que é válido e descartar o que pode não ser. O devir antropófago em Rosa, como bem destacaram Castro (1986, 2013) e Sperber (1985), toma outro rumo: trata-se da verdadeira aniquilação e, por meio desta, a aniquilação metafísica ideal da posição do outro. Através do sangue — verdadeiro, destaca-se, ou seja, o assassinato, a violência como purificação — o inimigo é dissolvido:

> O sangue e a ferocidade da cena [dos rituais de devoramento] chocam o leitor europeu do conto. Mas, conforme Viveiros de Castro, é preciso repor as coisas no plano do comportamento, no plano do real, e assumir que estes rituais nos inserem no elemento da violência e numa operação alimentar. [...] É o procedimento que deve ser entendido como ritual alimentar, que implica uma animalização simbólica. [...] O que se incorpora não é o inimigo como substância ou particularidade, mas a posição metafísica de Inimigo (Sperber, 1985, p. 90).

“Só tem eu e onça e o resto é comida pra nós” (Rosa, 2021, p. 146) aglutina, num repente, ambos. Conforme a linguagem é transgredida dentro da narrativa, como apontado magistralmente por Haroldo de Campos em seu “A linguagem do Iauaretê” (1992), a forma de homem vai se perdendo e, a passos largos, aproximando-se da onça, retornando à mãe. Já não se trata mais de uma conversa homem tecnizado *versus* homem civilizado; o problema se coloca de maneira completamente diferente: ao aproximar-se da onça, o embate é entre a tese e antítese propostas por Andrade: o homem natural (proveniente do Matriarcado) contra o homem civilizado (proveniente do Patriarcado). O primeiro, naturalmente, recorre à antropofagia — onça, mas homem ainda, quer deglutir seu igual, acumular o homem branco, acabar com o Inimigo e, mais do que isso, tornar-se ele; ocupar o espaço metafísico da Inimizade.

A diferOnça (Castro, 2013) deve ser devorada pela goela aberta da Onça. E trata-se de uma diferença pura e simplesmente posicional; a fim de juntar-se à matrilinearidade, como destacado por Galvão (2021), faz referência ao seu tio — o Iauaretê — e utiliza também os recursos de batalha que a família materna costumava utilizar: devora; e, devorando, devém.

4. Conclusão

A partir do observado, é possível concluir a importância relacional entre as obras, levando em consideração o impacto que a tese de Andrade tem na análise do conto. A

antropofagia, como Castro afirma (2013) tem um papel central na constituição da narrativa, assim como elementos secundários, como o fogo, a cachaça e o próprio rancho de Breó-Beró. A relevância das relações familiares e originárias do personagem central também puderam ser analisadas, expondo a sua duplicidade — ora retornando à família paterna, ora à família materna.

Não se objetivou através desta discussão, obviamente, esgotar o panorama da oposição entre natureza e Cultura no conto "Meu tio o Iauaretê", de Guimarães Rosa; mais do que isso, propor um panorama de análise e contato entre esta oposição tão marcada — e discutida em diversos textos, como Galvão (2021) e Sperber (1985) — e os temas de Matriarcado e Patriarcado, levantados por Andrade em sua tese, *A crise da filosofia messiânica*.

Referências

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: **Obras completas**, v. 6: Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

CANDIDO, Antonio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

CAMPOS, Augusto de. Revistas Re-vistas. **Revista de Antropofagia**. São Paulo: Metal Leve, 1975.

CAMPOS, Haroldo de. A linguagem do Iauaretê. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Rosa e Clarice, a fera e o fora. **Letras**, n. 98, pp. 9-30, 2013.

CEPPAS, Felipe; PENNA, João Camillo. Antropofagias futuras, seus tempos e seus textos. **Das Questões**, v. 11, n. 1, pp. 1-21, 2021.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O impossível retorno. In: **Estas estórias.** Rio de Janeiro: Global, 2021.

IZABEL, Tomás Amorim. A crise da filosofia messiânica: a antropofagia matriarcal devora a Modernidade. **Dissonância**, v. 4, pp. 113-161, 2020.

VALLE, Ulisses do. A filosofia da história de Oswald de Andrade. **Remate de Males**, v. 37, n. 1, pp. 323-344, 2017.

ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauaretê. In: **Estas estórias.** Rio de Janeiro: Global, 2021.

SILVA, Gustavo de Castro da; SILVA, Mirian Cristina Carlos. A metodologia antropofágica de Guimarães Rosa. **Diálogos**, v. 27, n. 2, pp. 101-122, 2023.

SPERBER, Suzi Frankl. A virtude do jaguar: mitologia grega e indígena no sertão roseano. **Remate de Males**, v. 12, n. 1, pp. 89-94, 1992.